

Artigo de Reflexão/Ensaio

Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos?
Childhood, children and pandemic: in which boat do we sail?

Marina Di Napoli Pastore

Universidade Federal da Paraíba.

Núcleo Amanar, Casa das Áfricas

Instituto Superior de Ciências da Saúde (ISCISA), Maputo, Moçambique.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5924-8719>

Contato:

E-mail: marinan.pastore@gmail.com

Agradecimentos: Aos colegas e pesquisadores do CRIAS/UFPB, com quem tenho trocado e aprendido tanto. E a todas/os estudiosos das infâncias e crianças, com quem tenho aprendido tanto e têm me permitido navegar em outras travessias.

Resumo

O ano de 2020 tem sido marcado por um cenário mundial em que a pandemia do Covid-19 e suas consequências trouxeram diversas questões sociais à tona, envolvendo a desigualdade social, a invisibilidade e o silenciamento de parcela significativa da população, tal como a amplitude de suas potências, principalmente no que tange a vida das crianças. O diálogo sobre a pluralidade das infâncias e das crianças, bem como das vulnerabilidades e modos de agir frente à Covid-19, tem permeado diversas discussões em disciplinas diversas, nas quais a terapia ocupacional também tem se inteirado, ainda que de maneira inicial, mas com pouca discussão em torno das crianças. Neste sentido e a partir desta constatação, este artigo apresenta uma discussão sobre o lugar das crianças no cenário da pandemia, a partir de reflexões teóricas que trazem para o cerne do debate questões relacionadas à invisibilidade das crianças e seus contextos que, com a situação atual, tornou-se mais evidente. Este texto pretende favorecer um espaço de construção de diálogo e de indagações sobre as ações dos terapeutas ocupacionais frente às infâncias e crianças, ancorado na pandemia do Covid-19, possibilitando a construção de práticas e ações contextualizadas e transformadoras.

Palavras-chave: Infâncias, Crianças, Pandemia, Covid-19, Terapia Ocupacional.

Abstract

The year 2020 has been marked by a world scenario in which the Covid-19 pandemic and its consequences brought several social issues to the fore, involving social inequality, invisibility and the silencing of a significant portion of the population, such as the breadth of its powers, especially with regard to children's lives. The dialogue on the plurality of children and children, as well as the vulnerabilities and ways of acting in the face of Covid-19, has permeated several discussions in different disciplines, in which occupational therapy has also been learned, albeit in an initial way, but with little discussion in children's turns. In this sense and from this observation, this article presents a discussion about the place of children in the pandemic scenario, from theoretical reflections that brings to the heart of the debate issues related to the invisibility of children and their contexts that, with the current situation, became more evident. This text intends to favor a space for the construction of dialogue and questions about the actions of occupational therapists towards children and children, anchored in the Covid-19 pandemic, enabling the construction of contextualized and transformative practices and actions.

Keywords: Childhood, Children, Pandemic, Covid-19, Occupational Therapy.

Introdução

E as zonas de invisibilidade poderão multiplicar-se em muitas outras regiões do mundo, e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós. Talvez baste abrir a janela.

Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 8-9)

A situação atual da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, ou Covid-19, enquanto realidade social existente, traz ao debate noções do comum e de exceção, bem como dos campos da normalidade, da saúde-doença, da verdade e dos óbvios seletivos. Seletivos, aqui, a partir de um entendimento que há um recorte de classe, raça, gênero e geração, do qual as crianças não são, em sua maior parte, consideradas. Muito tem se colocado como o retorno das crianças no pós-pandemia e as situações que estão por vir, enquanto pouco se considera as crianças enquanto sujeitos deste tempo, em que se dá a pandemia – não são sujeitos imaginários, mas sim sujeitos reais que se constituem a partir das relações sociais pautadas nos tempos de hoje, bem como de suas limitações e faltas de acesso.

Com uma população total de 210.147.1254 pessoas, segundo projeção do IBGE e em consonância com os dados do Observatório da Criança e do Adolescente¹ do ano de 2019, o Brasil era um país com 65.600.982 milhões de crianças, ou seja, quase 1/3 da população brasileira é constituída por crianças e adolescentes do zero aos 18 anos de idade. Deste total, estima-se que mais de 55 milhões de crianças habitam as áreas urbanas, enquanto o restante habita as áreas rurais, sendo a maior parte da proporção de habitantes do zero aos 18 anos provenientes das regiões norte e nordeste.

Quanto à situação de vulnerabilidade, o Observatório da Criança e do Adolescente² traz que a proporção de crianças com menos de 14 anos identificadas pertencente às classes de rendimentos mais baixos é de 45,4%, ou seja, 18.790.798 crianças. Referente aos dados mais específicos sobre as situações de vulnerabilidade em que vivem as crianças, embora estudos apontem o Brasil como o 7º país mais desigual do mundo (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento [PNUD], 2017), não foi possível encontrar dados e recortes precisos sobre a porcentagem total de crianças que habitam as classes sociais mais baixas ou mesmo os

¹ Link de acesso em: <https://observatoriocrianca.org.br/cenario-infancia>

² Os dados trazidos referem-se às crianças que vivem em famílias com rendimento de até ¼ ou ½ salário mínimo. Segundo o portal, esse número indica “a proporção e a quantidade da população total identificada nas classes de rendimento domiciliar mensal per capita de até meio e até um quarto de salário mínimo” (2020, s/p), da qual o Nordeste é, novamente, a região com maior índice de desigualdade

locais mais periféricos, bem como a quantidade total de crianças que vivem em situações de vulnerabilidades diversas.

A constituição destes dados nos mostra que o Brasil é um país com um número elevado de crianças, constituindo uma população jovem. Considerando as políticas e programas que se têm para as crianças no país, um dos principais pontos é referente às creches e escolas. Dentro destes números, o total de crianças matriculadas em creches até os 3 anos de idade, em 2019, era de 3.483.230 milhões; entre 4 e 5 anos, o número era de 4.744.889 milhões; já as crianças matriculadas no ensino fundamental eram 26.923.730 milhões; no ensino médio, não foi encontrado um número conciso de matrículas (dos 15 aos 17 anos).

Este dado é aqui relevante pois, a partir do entendimento de que a escola é o lugar da infância (lugar que as crianças estão), temos hoje um total de mais de 60 milhões de crianças sem aulas por conta do Covid-19 e das medidas restritivas; porém, o número de crianças fora da escola já era, antes da pandemia, bastante elevado (estima-se, aqui, um total de 30 milhões de crianças, considerando o número de crianças matriculadas); ou seja, o abandono escolar ou falta de acesso às escolas é um dado anterior à pandemia do vírus. De igual modo são os outros indicativos de qualidade de vida da criança e o acesso aos direitos, implicando num distanciamento entre a vida da criança, a vida escolar e os direitos sociais que, com o cenário atual do Covid-19, parecem trazer à tona um debate antigo: de que crianças falamos e para qual crianças temos pensado ações, programas e pesquisas?

Ao longo dos anos, pesquisadores nacionais e internacional sobre estudos das infâncias têm buscado dar visibilidade às crianças e às infâncias num âmbito social e cultural, refutando muitas das visões universalizantes que englobam as formas de agir e pensar políticas com crianças, baseadas em visões biologicistas e/ou desenvolvimentistas que as têm concebido no decorrer das décadas, em que as polarizações se encontram entre uma infância “normal” ou “atípica”, ou seja, numa concepção única de infância e de crianças que cabem ou não dentro desse seguimento (Pastore, 2020). Porém, com as rupturas e continuidades trazidas e escancaradas pela situação pandêmica, tem-se questionado sobre as infâncias e suas diversidades. Estaria o vírus trazendo modos de repensar as infâncias e, conseqüentemente, as crianças?

Falar sobre infâncias e crianças também na terapia ocupacional, é, estar em diálogo constante com suas histórias, contextos, culturas, questões socioeconômicas, raciais, de gênero e

geracional. Com as vulnerabilidades estampadas pelo Covid-19, fica o questionamento: com quais crianças a terapia ocupacional tem atuado e sobre quais infâncias têm se pensado?

Nesse sentido, este texto é composto por uma reflexão sobre a situação das crianças, a pandemia e suas consequências, ampliando um debate sobre as diversidades existentes entre as infâncias e seus contextos num diálogo com/na/para a terapia ocupacional.

Infâncias e pandemia: há lugar para as crianças?

Com o início da pandemia e as ações e medidas tomadas, as crianças têm sido colocadas dentro dos protocolos, em que o isolamento se faz primordial, principalmente com a ausência de aulas físicas; mas elas têm sido consideradas enquanto crianças, como sujeitos ativos, participantes e participativos, de direitos e políticos dentro dessas medidas? O que tem se pensado para as crianças e seu desenvolvimento? Para quais crianças temos olhado?

Muitas discussões e eventos têm sido pensados sobre temáticas diversas, como gênero, sexualidade, racismo, branquitude, adoecimento mental, extermínio e necropolítica, confinamento, solidões, questões econômicas e políticas, entre outras. Porém, mesmo as crianças sendo permeadas também por todas essas questões, elas geralmente são colocadas como externas a elas. Pensamos em transformações de mundos, mas não consideramos as crianças dentro das inúmeras possibilidades, nem como interlocutora dos diálogos acima citados. Com ou sem pandemia, as crianças parecem não ter lugar no cenário da vida cotidiana, a não ser quando se tornam problema.

A infância passa a ser questionada e trazida à tona em diversos seminários, temas de palestras e debates *online*, principalmente em posicionamentos ligados à educação, quase como a ameaça de um sistema em que o humano é colocado em jogo, em disputa, dentro um quadro político e econômico (Arroyo, 2020); mas a infância, enquanto categoria socialmente construída e que tem em suas formulações questões sócio-históricas, culturais, econômicas, de gênero, raça e de geração e que constitui a categoria etária e social na qual as crianças são integrantes, continua negada, soterrada e sem lugar evidente.

Arroyo (2020) nos provoca quando afirma que “quando a opressão é a regra, as perguntas são necessárias. (...). Em tempos de interrogações, deixe-nos interrogar. Que vidas estão sendo ameaçadas? Por que não trabalhamos nessa relação humana entre educação e vida? Porque não trabalhamos nem na educação nem para vida... (Arroyo, 2020, s/p).”

Ao compreender a educação e usá-la enquanto metáfora para práticas com crianças, que transcende o “lugar da criança” e a pensa em movimentos e contextos, compreendemos a criança, em sua formação, a partir de demandas e realidades, possibilitando formas de ser e estar no mundo a partir de tempos reais e do aqui e agora. Crianças enquanto sujeitos deste tempo, em que se dá a pandemia; não são sujeitos imaginários, mas sim sujeitos reais que se constituem a partir das relações sociais pautadas nos tempos de hoje. Crianças enquanto cidadãos do futuro mas que, no presente, parecem estar distantes ou afastadas dos espaços ditos comuns, ou coletivos, de uma vida em sociedade. (Sarmiento, Fernandes, Tomás, 2007).

Se antes havia a escola, para uma parte significativa dessas crianças, onde estão as crianças agora? É ingênuo da nossa parte, e talvez até perverso, achar que estão dentro de casa e que este período tem sido vivido de maneira igualitária para todas as crianças. Que crianças estão em casa? De que casa falamos?

Em nossas falas, ações e pesquisas com crianças, durante a pandemia, temos considerado o confinamento seletivo? Ou ainda, a situação das casas que as crianças habitam? Como ficam as crianças na geografia de quarentena, pensando uma arquitetura periférica que marca essas infâncias ou são marcadas por essas infâncias? Ou, ainda, as crianças que estão nas ruas? Existe um lugar para essas crianças dentro dos confinamentos (Amore, 2020)?

Diante do cenário atual, as infâncias parecem confinadas, em espaços que, de igual modo, parece não permitirem sua existência, e as crianças, com seus corpos que não cabem em protocolos, de igual modo. Quando pensamos no confinamento, não são apenas corpos confinados, mas de experiências, de essências, de relações, de toque, de trocas (Ghirardi, 2011; Nascimento, 2020).

Temos, na história da terapia ocupacional, ações e pesquisas que têm se voltado, em sua grande maioria, às práticas desenvolvimentistas e de normalidade ou patologias, sem que recorram, na maior parte dos estudos, às abordagens socioculturais. Em tempos de pandemia, ações têm sido pensadas quanto aos atendimentos, buscando principalmente cartilhas e manuais de como realizar determinado procedimento, bem como modos de brincar e brincadeiras para se fazer em determinados ambientes, na qual o público alvo são os pais e familiares, que são as pessoas envolvidas no processo do brincar e ensinar brincadeiras, e menos as crianças de forma direta (Barba, 2020; Pelosi, 2020).

Quais crianças têm os pais “disponíveis” para brincar com elas? Quais pais acessam os documentos propostos? Um dos documentos³ utilizados como guia para os pais, em tempos de brincar e pandemia e de favorecer a saúde da criança é intitulado “como sobreviver à quarentena com crianças em casa?”; o qual reforça, a meu ver, o estigma da criança-problema para além da pandemia, bem como do terapeuta ocupacional como profissional que direciona atividades para um público geral, sem diálogo com outras especificidades das crianças e mesmo dos seus ambientes. Devemos nos questionar se é possível as crianças praticarem yoga ou escutar sua música preferida, ou se as crianças sabem o que é isso ou se acessam tais estruturas.

Em um manual de brincadeiras⁴ para se fazer durante a pandemia, quais crianças estão sendo levadas em consideração? As ações para as crianças (algumas delas) resumem-se a manuais, tal como protocolos? As questões aqui levantadas não são sobre o conteúdo do material em si ou sobre discutir se as atividades são boas ou não. O ponto é pensar quais são as crianças que acessam esses materiais, quais tem a possibilidade de imprimir, ler e compreender cartilhas, ou mesmo acesso à internet e aos dispositivos de áudios e vídeos, e como temos entendido esse momento de pandemia também para as crianças: será que dar mais atividades, num intuito de preencher espaços ou lacunas ociosas, é pensar na criança em meio à pandemia?

A WFOT - *World Federation Of Occupational Therapists* (Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais), desde 2010⁵, tem reforçado a necessidade de respeitar os valores, as crenças e a diversidade cultural, em consonância com aspectos sociais, psicológicos, biológicos, econômicos, políticos e espirituais de cada indivíduo e sua participação social, da qual as crianças deveriam estar conectadas e sendo consideradas. A pandemia parece provocar, como desafio, a organização e os modos de se pensar ações e pesquisas que enfatizam a atuação nesses diferentes contextos culturais e propõe estratégias para um trabalho com crianças que seja pautado em suas realidades, considerando também os momentos em que o confinamento se torna presente. Torna-se urgente repensar os modos como temos problematizado as situações e como as crianças e infâncias têm aparecido, questionadas e reinventadas.

³ Disponível em: https://mcusercontent.com/43b7fb606a7e4daeb736694ef/files/cf9421cc-0c27-4ec6-be31-bb76f83ccfb0/RotinaQuarentena_3_.pdf

⁴ Alguns exemplos podem ser acessados nos links: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/62571466/cartilha-brincar> ; <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/guia-atividades-familias-criancas-0-6-anos/#criancas-ate-3anos> ;; <http://www.institutosantosdumont.org.br/2020/05/19/covid-19-e-autismo-cartilha-traz-brincadeiras-e-dicas-para-quarentena/>

⁵ WFOT. *Position Statements*. Diversity and Culture. 2010

Como observou Barros (2004, p. 95), “na ação é preciso que o técnico saiba redimensionar o próprio saber, saiba transitar em reações de alteridades sociais e culturais”. É necessário e urgente que a co-habitação das diferentes identidades se torne leitura de mundos possíveis, na qual os terapeutas ocupacionais tenham habilidades e capacidades para trabalhar as problemáticas que surgem nas sociedades e em demandas marcadas por desigualdades, das quais as crianças co-existem junto com a multiplicidade de infâncias (Barros; Almeida; Vecchia, 2007; Pastore, 2020).

Este é o momento de questionar, mais do que nunca, a infância e os modos universalizantes que temos lidado com as crianças e com as práticas em/de terapia ocupacional com/para/sobre infâncias desde antes da pandemia e interrogar-nos “que prática é esta que estamos fazendo e para qual projeto de mundo queremos seguir?”. Pensar a invisibilidade das infâncias e a negação de espaço para as diversas crianças torna-se primordial.

Vulnerabilidades sociais, diversidades e pandemia: diálogos entre terapia ocupacional e infâncias

Numa mesa sobre “grupos subjugados e vulnerabilidade das infâncias nas cidades”⁶, Caio Santo Amore, professor titular da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP reflete sobre as condições de violência, de moradia, de violações que têm permeado a constituição da cidade desde períodos anteriores, ou “desde que o Brasil foi inventado” (Amore, 2020), e reflete se foi preciso uma pandemia para nos fazer olhar para isso. Com uma concepção da sociedade capitalista, as condições de sobrevivência das populações e os modos como a vida tem sido organizada, ao longo dos anos, aponta para segregações e violações de direitos que têm conformado corpos e seus extermínios, dos quais as crianças têm sido moldadas dentro dessas configurações, tal qual o cenário que constitui seus contextos.

Ao pensarmos a reclusão nos espaços doméstico e a espacialidade que se formou, onde há uma mescla entre público e privado (Cohn, 2020), em que a vida das crianças também é permeada por esses acontecimentos e que levantam, enquanto questões, a reconfiguração dos campos de estudos e os tempos do aqui e agora, há uma necessidade de ampliar discussões sobre cuidado, direitos, vulnerabilidades e outras variáveis em que as crianças devem ser

⁶ Curso Infâncias em tempo de pandemia. Universidade Federal do ABC. Link de acesso: <http://cursos.ufabc.edu.br/digitalplural/inovacao-social-no-combate-a-pandemia-de-covid-19/cursos/infancias-na-pandemia/>

questionadas enquanto sujeitos sociais e participantes de seus cotidianos, das modificações impostas e que, embora não tendo sido colocadas como grupo de risco nessa pandemia, tem tido seus direitos negados, principalmente o de mobilidade e de participação (Muller, 2020; Ribeiro, 2020).

Costa (2020, s/p) relembra que, “além de tudo isso, não podemos nos esquecer de que crianças têm formas de compreender e comunicar sentimentos e pesares diferentes dos entendimentos dos adultos. É importante pensar estratégias de cuidado específicas para elas”. Cohn (2020) e Ribeiro (2020) apontam para um debate sobre a pluralidade das infâncias e as condições impostas pela pandemia, nas quais as condições de confinamento, tal qual de adoecimento, não atinge as crianças de modos iguais: há uma diferenciação social das crianças, que marcam as pluralidades das experiências das infâncias, e que ressoa na possibilidade de constituição e de vivenciar os períodos cotidianos e que, num diálogo com Costa, levanta questões para a terapia ocupacional sobre os modos como temos trabalhado o entendimento das crianças e das infâncias no decorrer do nosso percurso profissional, sobretudo nas ações desenvolvidas neste momento de pandemia.

Se produzimos espaço e ele nos produz (Leitão, 2020), em tempos de confinamento e de afloramento das desigualdades, como têm sido produzidos os espaços para as crianças? Na terapia ocupacional, temos desenvolvido ações em ambientes diversos: nos hospitais, como é o caso trazido por Silva, Silva, Rabelo, e Vinhas (2020) e o trabalho na UTI neonatal, na enfermaria pediátrica e no telemonitoramento; Sued (2020) discute sobre a importância do brincar em tempos de Covid-19, principalmente em um hospital na região transamazônica; Ferigato (2020), dentro de um projeto interdepartamental e interdisciplinar, aborda sobre os cuidados nas ações de saúde mental junto às crianças e adolescentes; Barba (2020) reforça a importância do brincar em tempos de pandemia; o Laboratório LaFollia, da UFSCar, disponibilizou cartilhas com informações sobre cuidados com autistas ante a pandemia (Agência FAPESP, 2020). Um dos pontos semelhantes, dentro das ações, diz respeito aos atendimentos e ao cuidado das crianças a partir de instituições de cuidado e pelo viés da saúde. Como agregar as múltiplas vulnerabilidades e diversidades que a pandemia tem trazido com as crianças que não estão nos serviços?

Por pluralidades de infâncias, podemos elencar alguns grupos de crianças: as crianças órfãs dos casos letais de Covid-19; as crianças indígenas; as crianças quilombolas; as crianças ciganas; as crianças imigrantes; as crianças em situação de rua; as crianças vítimas de violências domésticas; as crianças imigrantes; as crianças nos acampamentos do MST; as

crianças na vida, em diversas situações, e todos os contextos possíveis (Miranda, 2020). Como pensar a “vulnerabilidade epidemiológica das crianças com a incidência da Covid 19 para a população infantil” levando em consideração todas essas questões (Cohn, 2020, s/p)?

Farias e Leite (2020, p. 4) trazem para o debate que as “injustiças sociais são uma questão ética na sociedade contemporânea, pois o desejo de resolvê-las é uma opção política, tendo em vista que os recursos são existentes”. Quando Boaventura de Sousa Santos (2020), em seu texto sobre “a cruel pedagogia do vírus”, levanta os grupos vulneráveis atingidos diretamente pela Covid-19, ele pontua: as mulheres, os trabalhadores informais, os trabalhadores da rua, os sem-abrigo (ou em situação de rua), os moradores das periferias, os imigrantes e refugiados (em situações distintas), os deficientes e, por fim, os idosos. As crianças não aparecem em nenhum dos grupos citados, a não ser nas mulheres, quando essas são colocadas como mãe e a sobrecarga do trabalho. Se pensarmos que as condições para mudança são políticas, pensar as crianças e a posição que elas têm tomado ou ocupado durante esta pandemia (e, volto a repetir, não somente) é também ato político.

Falar sobre vulnerabilidades sociais, neste momento, é falar sobre a diversidade e pluralidade das infâncias das quais as crianças são sujeitos que coabitam os espaços, das implicações encontradas nos diferentes locais e em suas estruturas, pelas realidades locais e pelos processos globais (Imoh, 2016). Com quais noções de vulnerabilidades a pandemia tem nos feito trabalhar e para quem temos direcionado nossas práticas, olhares e pesquisas? As crianças estariam, mais uma vez, apartadas destes cenários, ou têm sido sufocadas pelo silenciamento e as invisibilidades?

Enquanto terapeutas ocupacionais, nos cabe perceber as vulnerabilidades e fragilidades, bem como os modos como a Covid-19 é vivenciada pelas diferentes crianças, revendo o lugar da pesquisa, da prática e do cuidado.

Permanece urgente e necessário pensar e repensar os modos como as crianças e suas realidades, entendidas a partir de contextos específicos, precisam integrar práticas diversas, entendendo a ação das crianças e da comunidade como fundamentais no processo e que os saberes locais, culturais e sociais devem integrar o quadro das políticas, estudos e pesquisas no âmbito das infâncias e nas questões sociais (Pastore, 2020, p. 140).

Os projetos de pesquisa e de ações têm que ter vida. Acolher as diversidades é uma das únicas possibilidades de transformar, não negando a realidade dada, mas, a partir dela, possibilitar e fazer outras coisas com ela (Thebas, 2020). Ampliar uma discussão, neste momento presente,

e buscar a pluralidade e diversidade das infâncias, dos seus contextos e as vulnerabilidades existentes são fatores fundamentais para se pensar modos de tornar as infâncias e as crianças visíveis e em práticas que se mobilizem a serem reais e, assim, transformadoras, estabelecendo um diálogo em que haja uma relação dialógica, descobrindo dimensões e possibilidades da realidade, na qual as questões técnicas são também produzidas e produtoras de histórias e culturas (Barros, 2004).

Pluralidades de infâncias e diversidade de crianças: diálogos intermitentes para além-pandemia

As situações atuais e os modos como têm sido pensadas as práticas e pesquisas no momento da Covid-19 tem sido palco também de posicionamentos e direcionamentos da *World Federation of Occupational Therapy* – Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (WFOT, 2020), de maneira global, e da Associação Brasileira de Terapeutas Ocupacionais (ABRATO, 2020), de maneira nacional, compreendendo o papel do terapeuta ocupacional no enfrentamento das desigualdades e vulnerabilidades aos quais o vírus tem nos exposto. Boaventura de Sousa Santos traz, também, que é momento de olharmos para as questões presentes e buscarmos alternativas de como sairmos delas, ao compreender e nos chamar para as mudanças necessárias de paradigmas, cenários e modos de encarar as práticas e pesquisas que têm sido produzidas.

Pensar as crianças e as infâncias é pensar as cidades, as estruturas, os modos como os confinamentos têm sido feitos, ou não, e para quem tem sido direcionados os protocolos e manuais. Não tem como pensar as infâncias sem as crianças que a permeiam, habitam, transformam e são transformadas. Modificamos a leitura de mundo ou ampliamos as lupas com as quais olhávamos determinados segmentos sociais?

Neste momento, temos que repensar o “normal”, os fazeres práticos e as pesquisas que temos direcionado, ou segregado, das crianças e das infâncias, bem como as definições e noções que temos utilizados, enquanto terapeutas ocupacionais e no papel do cuidado que temos destinado. Precisamos rever o silêncio que carregamos quando negamos as diversidades e diferenças, compreendendo este silêncio também como produtor de misérias. Há uma oportunidade de fazer do agora um ato político, de mudanças e transformações.

A pandemia tem nos colocado questões reflexivas importantes, dentre as quais o “barco” que navegamos, enquanto metáfora dos caminhos que seguimos. A verdade é que não estamos no

mesmo barco, e nunca estivemos, sendo que a questão que deve ser feita é: em que barco sairemos dessa?

“Para cada travessia há sempre um momento em que não se está num lado nem de outro, em que não se é o que era nem o que será; pois, uma vez que são discriminados, o contíguo nunca os atinge. Fica-se em suspensão – pairando eternamente de permeio” (Crapanzano, 2005, p. 378). Com um Brasil plural e tão desigual, talvez seja o momento, na terapia ocupacional, de trabalhar as infâncias como travessias, em que a sugestão seja o de olhar para os estudos, práticas, contextos, teorias, saberes e fazeres sobre esses universos que nos levam de um lugar ao outro, abrindo caminho para que outros percursos sejam trilhados, do quais as crianças e as infâncias não sejam mais invisibilizadas, mas constituintes, transformadoras e possíveis.

Referências

- Agência FAPESP (2020). UFSCar publica cartilha com informações sobre cuidados com autistas ante Covid-19. Recuperado em julho de 2020, de <http://agencia.fapesp.br/ufscar-publica-cartilhas-com-informacoes-sobre-cuidados-com-autistas-ante-covid-19/32926/>
- Associação Brasileira de Terapeutas Ocupacionais – ABRATO (2020). *Nota da ABRATO sobre a Portaria do Ministério da Saúde No 639*, de 02 de abril de 2020. Recuperado em junho de 2020, de <https://www.facebook.com/abratonacional/>.
- Amore, C. S. (2020). “Quarentena dentro da quarentena: grupos subjugados e vulnerabilidade das infâncias na cidade”. *II encontro do curso: Infâncias em tempos de pandemia*. Universidade Federal do ABC.
- Arroyo, M. (2020). Vidas das infâncias ameaçadas: quando a opressão é a regra. Abertura do *I Webinar infâncias e educação infantil em tempos de pandemia*. Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogias e Culturas Infantis. CEDU – UFAL. Junho de 2020.
- Barba, P. C. S. D. (2020). Saúde da criança. O brincar em tempos de pandemia. *InformaSUS UFSCar*. Recuperado em julho de 2020, de <https://www.informasus.ufscar.br/o-brincar-em-tempos-de-pandemia/>
- Barros, D.D. (2004). Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.15, n. 3, p. 90-7.
- Barros; D. D.; Almeida, M. C.; Vecchia, T (2007). Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 128-134.
- Cohn, C. (2020). Como fazer pesquisa com/sobre/para as crianças em tempos de pandemia do Covid-19? *Seminário Virtual*. Canal: prioridade absoluta. Junho de 2020.
- Costa, J. D. (2020). Pessoa com deficiência, público alvo: geral. Crianças com deficiência e seus cuidadores durante a pandemia. *InformaSUS UFSCar*. Recuperado em julho de 2020, de <https://www.informasus.ufscar.br/criancas-com-deficiencia-e-seus-cuidadores-durante-a-pandemia/>

Crapanzano, V. (2005). Horizontes imaginativos e o aquém e além. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 363-384.

Farias, M. N; Leite, J. D. (2020). Vulnerabilidade social e covid-19: considerações a partir da terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy*, Preprint. Recuperado em junho de 2020, de: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/494/version/504>

Ferigato, S. (2020). Público alvo: técnico, saúde mental e Covid-19. Saúde Mental e COVID-19: narrativas do cuidado infanto-juvenil. Recuperado em julho de 2020, de <https://www.informasus.ufscar.br/saude-mental-e-covid-19-narrativas-do-cuidado-infanto-juvenil/>

Ghirardi, M. I. G. (2011). Percursos de pesquisa e estratégias de ensino no campo da assistência em terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 216-20, 2011. Recuperado em janeiro de 2020, de <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i3p216-220>

Imoh, A. T. D. (2016) From the singular to the plural: Exploring diversities in contemporary childhoods in sub-Saharan Africa. *Childhood*, Copenhagen, Denmark, v. 23, n. 3, p. 455-468.

Leitão, K. (2020). “Quarentena dentro da quarentena: grupos subjugados e vulnerabilidade das infâncias na cidade”. *II encontro do curso: Infâncias em tempos de pandemia*. Universidade Federal do ABC.

Miranda, H. (2020). Como fazer pesquisa com/sobre/para as crianças em tempos de pandemia do Covid-19? *Seminário Virtual*. Canal: prioridade absoluta. Junho de 2020.

Muller, F. (2020). “Mobilidade Urbana de Crianças”. Encontro virtual. *Grupo de Pesquisa Criança, Sociedade e Cultura*. Universidade Federal da Paraíba. Maio de 2020.

Nascimento, M. L. B. P. (2020). “Invisibilidade e participação: desafios dos estudos da infância”. Encontro virtual. *Grupo de Pesquisa Criança, Sociedade e Cultura (CRIAS)*. Universidade Federal da Paraíba. Junho de 2020.

Pastore, M. N. (2020). “Brincar-brinquedo, criar-fazendo: pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique”. Tese (Doutorado). *Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional*. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Recuperado em junho de 2020, de <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12307>

Pelosi, M. (2020). Manual de brincadeiras; brincadeiras educativas. Recuperado em julho de 2020, de <https://www.manualdabrincadeira.com.br/>

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. (2017). *Relatório Anual 2017*. Acesso em <http://relatorio.binn.com.br>

Ribeiro, F. B. (2020). Como fazer pesquisa com/sobre/para as crianças em tempos de pandemia do Covid-19? *Seminário Virtual*. Canal: prioridade absoluta. Junho de 2020.

Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Edições Almeida. Coimbra, Portugal.

Sarmento, M; Fernandes, N.; Tomás, C. (2007). Políticas públicas e participação infantil. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 25, p. 83-206.

Silva, M. R.; Silva, R. C.; Rabelo, H. D.; Vinhas, B. C. V. (2020). A Terapia Ocupacional pediátrica brasileira diante da pandemia da COVID-19: reformulando a prática profissional. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional (RevisbraTO)*. Recuperado em junho de 2020, de <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34171>

Sued, K. (2020).

A importância do brincar em tempos de Covid-19. *RedePará*. Recuperado em julho de 2020, de <https://redepara.com.br/Noticia/213888/a-importancia-do-brincar-em-tempos-de-covid-19>

Thebas, C. (2020). Saúde integral em tempos de pandemia, impactos para as infâncias. IV encontro do curso: *Infâncias em tempos de pandemia*. Universidade Federal do ABC.

World Federation of Occupational Therapy – WFOT. (2010). *Position Statements*. Diversity and Culture. 2010. Recuperado em maio de 2020, de <https://www.wfot.org/resources/diversity-and-culture>.

World Federation of Occupational Therapy – WFOT. (2020). Covid-19 pandemic - *Information and Resources for Occupational Therapists*. Recuperado em junho de 2020, de <https://www.wfot.org/covid-19-information-and-resources-for-occupational-therapists>